

**VOZES DIVERSAS**

**DIFERENTES SABERES**



**SALÃO DE  
INICIAÇÃO CIENTÍFICA  
XXX SIC**

15 A 19  
OUTUBRO  
CAMPUS DO VALE



## Sartre e o Outro: uma tentativa hegeliana de escapar do solipsismo

Estou consciente. Percebo todos os objetos espaço-temporais organizados a partir da minha perspectiva: é o modelo egocêntrico de mundo sendo construído. Mas eis que, dentre todos os objetos, surge um que não caracterizo somente enquanto um objeto, mas o chamo de pessoa. Na tentativa de recusa do solipsismo, investigar com quais razões ou sobre qual fundamento fazemos uma afirmação tácita como esta é preocupação primeira de Sartre. Haverá, realmente, outra consciência ou trata-se somente de um objeto cuja aparência induz à crença de um Outro? A estratégia de Sartre vai desde a análise do fenômeno cotidiano, a experiência do mero Outro-objeto, que por si só já oferece pistas para o fundamento da existência do Outro— é um objeto que afeta o Sujeito de modo *sui generis*—, até o núcleo do fundamento ele mesmo, manifesto através de uma vivência específica do Sujeito, que envolveria o Sujeito e o Outro enquanto não mero objeto, mas sujeito. Sartre acredita, tal como suas análises de Husserl, Hegel e Heidegger apontaram, que a via possível de “prova” do Outro estaria justamente na demonstração de que a existência do Sujeito demanda, necessariamente, a do Outro, que há um vínculo constitutivo entre ambos os seres. É evidente, portanto, o ganho imediato desta via: qualquer hipótese solipsista é descartada por redução ao absurdo pelo fato de, assim, questionar a existência do Sujeito. É com esses pressupostos que Sartre vai oferecer o conceito de Olhar, visando mostrar, pela ideia do Sujeito ser um objeto para o Outro, que este constitui parte do ser do Sujeito: ao ser visto, o Outro seria mediador na relação do Sujeito para com ele mesmo. Eis o ponto central para Sartre, visivelmente influenciado pela dialética do Senhor e do Escravo hegeliana, cujo desdobramento prático é problemático: esta relação a si mediada pelo Outro é delicada, pois, ao cabo, aliena o Sujeito do mundo ao torná-lo objeto e, portanto, livre de uma maneira mitigada. Disso se segue o cerne do problema prático das considerações sartreanas da relação fundamental com o Outro: ela é problemática e conflituosa, pois seu elemento mais básico é o atentado ao ser do indivíduo. Não é por acaso que em sua exposição literária deste problema, *Huis Clos*, o mote final é “o inferno são os outros”.

**Autor: Matheus de Oliveira  
Cenachi**

**Orientador: José Pinheiro  
Pertille**

